

Bases ecológicas para um desenvolvimento sustentável: Estudos de caso em Penha, SC.

PREFÁCIO

De acordo com alguns historiadores, o município de Penha, situado no litoral sul do Brasil, região centro-norte de Santa Catarina, foi berço nativo dos índios Carijós, onde os primeiros registros de ocupação portuguesa da região datam de 1759, tendo como marco inicial do povoamento, a construção da Capela de São João Batista, na localidade de Itapocoroy, quando os açorianos foram atraídos pela lucrativa caça das baleias na costa catarinense, iniciando a colonização da área com a edificação das instalações destinadas ao processamento desses cetáceos.

Com o passar do tempo e o incremento das comunidades, a pesca de baleia manteve-se como a principal atividade econômica da região até meados de 1833, sendo gradativamente substituída pela agricultura e a pesca artesanal. Após a decadência da atividade baleeira, o então Arraial de Itapocoroy (atual município de Penha), era o centro comercial de uma extensa área entre o Rio Itapocú (Barra Velha) e a Enseada das Garoupas (Bombinhas). Porém, com a decadência da captura de baleias, esse desenvolvimento urbano retrocedeu e manteve-se em ritmo lento até a década de 1960, quando teve início um novo ciclo econômico com a pesca de camarão por arrastos tracionada por embarcações motorizadas.

Com o advento turístico, a partir da década de 70, o município passa a depender desse segmento com a prestação de serviços para visitantes e veranistas, além de atividades tradicionais de pesca e agricultura de subsistência. A população do município de Penha gira em torno de 20 mil habitantes, ultrapassando aos 100 mil durante a temporada de verão.

Como vêm acontecendo ao longo do litoral brasileiro, atualmente as comunidades pesqueiras de Penha enfrentam diversos impactos sociais e ambientais, colocando em risco suas sobrevivências e a cultura açoriana. A

intensa atuação das frotas industrial e artesanal contribuíram para redução do pescado e, conseqüentemente, da qualidade de vida dos moradores locais. Além disso, o crescimento desordenado do turismo contribuiu para a exclusão dos pescadores da orla marítima, levando-os a ocupar loteamentos abertos em áreas de floresta atlântica.

Devido às condições oceanográficas propícias para o cultivo de mexilhões, e tendo o suporte técnico com a instalação do Campus da Universidade do Vale do Itajaí, onde os profissionais do curso de Oceanografia, juntamente com a colaboração de outras instituições catarinenses, pesquisaram e difundiram as metodologias de cultivo, fundamentais para que os produtores de Penha alcançassem papel de destaque no cenário da maricultura nacional e Latino Americana.

Atualmente, o município é o maior produtor brasileiro de mexilhões cultivados, gerando centenas de empregos e distribuindo renda e dignidade para as comunidades tradicionais e as agregadas a esse segmento. Porém, esse novo ciclo econômico vem provocando uma disputa pelo espaço e a alteração da paisagem costeira, além do uso indiscriminado de recursos naturais para subsidiar essa atividade, o que, no futuro, poderá comprometer a sua sustentabilidade como ocorreu com o ciclo da caça da baleia.

Esse livro está estruturado em 20 capítulos, que sumarizam os conhecimentos gerados desde 1992 pelos pesquisadores do Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar (CTTMar), da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), sobre aspectos climatológicos, oceanográficos, geológicos, da flora e da fauna marinha e terrestre, atividades de pesca e maricultura, e as interações sócioambientais na região da Armação do Itapocoroy, Penha.

Essa obra objetiva apresentar informações sobre o potencial e conservação dos recursos naturais da região, fornecendo subsídios técnicos e ecológicos para que os tomadores de decisão promovam o desenvolvimento sustentável das comunidades que habitam os ecossistemas costeiros.

Organizadores:

Joaquim Olinto Branco.
Adriano W. C. Marenzi.